

O significado dos detalhes

Viviane Brito Rodrigues¹

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre a questão da simbologia dos detalhes nos contos *Uma ideia toda azul* (1979) e *Contos de amor rasgado* (1986) ambos da escritora Marina Colasanti. Com base neste recorte destacaremos a relação desses símbolos com a teoria do arquétipo bíblico trazendo trechos bíblicos para abordar sobre esses detalhes que serão argumentados no decorrer do artigo sem vir a discutir a religião. Para formarmos esta reflexão ao longo do artigo utilizaremos como fundamentação Northrop Frye (1957), Bachelard (1993), entre outros.

Palavras- Chaves: Rei, espaço felicidade, caminhos.

Abstract: This article proposes a reflection on the issue of the symbology of details in the short stories *Uma Idea Toda Azul* (1979) and *Contos de Amor Torado* (1986), both by the writer Marina Colasanti. Based on this excerpt, we will highlight the relationship of these symbols with the theory of the biblical archetype, bringing biblical concepts to address these details that will be discussed throughout the article without discussing religion. To form this reflection throughout the article, we will use Northrop Frye (1957), Bachelard (1993), among others, as a basis.

Keywords: King, space happiness, paths.

Introdução

Os livros *Uma ideia toda azul* (1979) e *Contos de amor rasgado* (1986) são ambos da escritora Marina Colasanti, ganhadora de muitas premiações por suas obras, dentre essas o Prêmio Jabuti. O livro *Uma ideia toda azul* foi vencedor do Grande Prêmio da Crítica e do Melhor para o Jovem da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, ambos no ano de 1979, já o livro *Contos de amor rasgado* segue atualmente sem nenhuma premiação.

O conto “Uma ideia toda azul”, escolhido no livro *Uma ideia toda azul*, relata a história de um rei que tem uma ideia toda azul, e ele fica muito maravilhado com essa ideia e brinca com ela até se cansar, e acaba adormecendo no jardim, ao acordar o rei sente medo de que roubem essa ideia dele, e a leva para a sala do sono e a deixa adormecendo, o tempo passa e ele não tem mais ideias, mas quando chega o dia em que ele tem que entregar sua coroa ele logo corre para a sala, e quando a vê novamente não acha mais a graça de antes, e chora suas duas últimas lágrimas guardadas para aquele momento e sai do quarto deixando a ideia adormecida.

O livro *Contos de amor rasgado*, sendo o conto escolhido “Amor de longo alcance”, trás a história de um homem e uma mulher que se amam a distância e que buscam se

¹ Graduada em Letras (2025) na UNEMAT - Campus de Pontes e Lacerda. E-mail: viviane.britto.08@gmail.com

encontrar, mas a figura de um para o outro estava sempre em mutação em ambas as lembranças, o tempo passa e o que era real em suas recordações deixa de ser, e quando eles se encontram, percebem cedo que é insuperável à força de seu amor passado, e então decidem viver separados, desejando-se a distância, e entre lágrimas e risos, despedem-se, indo morar em cidades afastadas.

O foco a ser discutido nesse artigo é o arquétipo bíblico segundo Northrop Frye no livro *Anatomia da crítica* (1957), sendo o arquétipo algo que representa um modelo, utilizando as metáforas bíblicas apresentadas no livro para se ter maior compreensão dos símbolos apresentados em ambos os contos, como por exemplo o jardim, sendo a imagem do reino vegetal, a cor azul, o quarto, a busca do homem pela mulher e assim também o inverso, vindo a observar essas simbologias e suas significações por meio de um olhar minucioso e também literário sem vir a trazer discussões sobre a religião neste artigo.

A simbologia dos detalhes

O conto “Uma ideia toda azul”, nos permite pensar o porque a ideia ser da cor azul, o que essa cor representa, qual o sentimento que se é concedido ao leitor no momento que ele visualiza – por meio de sua imaginação – a ideia sendo de cor azul, assim também como o jardim e o quarto, que são os lugares em que o rei transita no decorrer do conto, e qual a simbologia que se é atribuída a esses locais e também a essa cor, e como esses detalhes possuem muito mais significado do que se é apresentado no conto.

A ideia de cor azul, assim como a imensidão do céu, nos traz a sensação de tranquilidade e calma, ao olharmos para o céu azul pensamos em Deus, o azul nos faz pensar em amplitude, a cor sendo atribuída a ideia demonstra o quão amplo as ideias podem ser. Por meio da Bíblia no livro de Gênesis 1:1 “No princípio, criou Deus os céus e a terra.” o céu como umas das primeiras criações do criador do mundo, nos faz associar de imediato ao Senhor, ao pensarmos no vasto céu que é uma das maiores representações da cor azul, sempre iremos relacionar a Deus e a sua grandeza. Segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1982, p. 107) “O azul é a mais imaterial das cores: a natureza o apresenta geralmente feito apenas de transparência, i. e.; de vazio acumulado, vazio de ar, vazio de água, vazio do cristal ou do diamante”. O azul visto como imaterial é algo que não se pode tocar, assim também é o céu, pois o céu não é palpável, não podemos pegar nas mãos, assim como Deus, que é imutável e

imaterial, pois se ele fosse material estaria sujeito a transformações, logo já não seria mais imutável.

A cor azul faz parte das cores primárias, que são denominadas como cores verdadeiras, outras cores e tons são formadas a partir da cor azul, mas a cor azul não é criada a partir de nenhuma mistura de cores. O arco íris possui sete cores, sendo; vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta, a cor anil é uma das variações dos tons de azul, o arco íris em sua composição possui duas cores azuis, que significam tranquilidade e serenidade. No livro de Salmos 46:10 diz “Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus; serei exaltado entre as nações; serei exaltado sobre a terra”. Assim como o significado do azul e do anil, Deus nos trás esse sentimento de tranquilidade e calma, e também a resposta para não temermos a nada, porque logo após a tempestade sempre vem um lindo arco íris.

O quarto dentre todos os cômodos da casa, é o local de descanso do ser humano, o ambiente de sua maior intimidade, no conto “Uma ideia toda azul”, o quarto do sono é onde o rei deixa a ideia adormecida, ou seja, o quarto é seu o local mais íntimo. Segundo Gaston Bachelard (1993):

Você gostaria de dizer tudo sobre o seu quarto. gostaria de interessar o leitor em você mesmo no momento em que entreabriu uma porta do devaneio. Os valores da intimidade são tão absorventes que o leitor já não lê o seu quarto: revê o quarto dele (p. 33).

A sala do sono/quarto, além de ser o local de maior intimidade e também o ambiente em que temos nossos devaneios através das fantasias que veem em nossa imaginação, é onde temos maior liberdade de conhecermos a nós mesmo por meio de reflexões. No livro de Mateus 6: 6 “Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai, que vê o que está oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará”. O quarto também é o lugar onde temos nossa intimidade com Deus, onde podemos através de orações nos comunicar com o Senhor, sendo o local que mais nos sentimos acolhidos dentre todos os outros cômodos da casa, o quarto é o ambiente que nos liga a Deus, nos permite estarmos conectados ao Senhor.

O rei após brincar no jardim dorme encostado em uma árvore, ao analisarmos sob o arquétipo bíblico de Frye, podemos associar, o jardim sendo o mundo vegetal simbolizando o jardim do Éden, e a árvore representando a árvore da vida do jardim do Éden. Segundo Chevalier e Gheerbrant, “o jardim é o símbolo do Paraíso” terrestre, do Cosmo de que ele é o centro, do Paraíso celeste, de que é a representação, dos estados espirituais, que corresponde às vivências paradisíacas” (1982, p. 512). O jardim é o local criado por Deus para satisfazer as

necessidades básicas do homem do qual ele deu a vida, um lugar divino da qual pudesse viver e descansar, no conto é onde o rei dorme, um local onde ele se sentiu seguro para que pudesse cair no sono, o jardim do rei é uma metáfora se comparada ao real jardim do Éden. Segundo Northrop Frye em *Anatomia da crítica*:

O mundo vegetal ministra-nos naturalmente o ciclo anual das estações, amiúde identificado com uma figura divina (ou representado por ela), que morre no outono com a colheita e a vindima, desaparece no inverno e ressuscita na primavera (1957, p. 160).

O mundo vegetal também está ligado com o ciclo anual das estações, o que nos faz lembrar do rei, que após deixar a ideia adormecida no quarto voltou ao seus afazeres como governante do reino, e depois de muitos anos, quando chegou o dia de se aposentar ele retornou ao quarto e viu que a ideia não tinha mais a mesma graça de antes. Isso nos permite pensar que quando o rei teve a ideia ele ficou encantado com ela porque era jovem, e quando passou pelo processo do ciclo das estações, ou seja, o amadurecimento, a sua visão de mundo era distorcida se comparada com a que ele tinha no dia em que teve a ideia, sendo assim ele não via mais a graça na ideia que ficou congelada no quarto, já que quando o rei voltou para buscá-la ela ainda se encontrava da mesma forma em que o governante a deixou.

No conto “Amor a longo alcance”, se é nítido a busca do homem pela sua mulher e também o contrário. Segundo Frye (2004 p. 140): “ficamos sabendo (em 2:24) que a razão para se criar a mulher é que na relação sexual o homem não devia ficar só; ainda mais, devia tornar-se "um só corpo" com sua esposa”, Deus criou o homem, e também a sua mulher, da qual foi feita a partir de uma de suas costelas, uma adjutora para que sempre estivesse ao seu lado. O casal no conto simboliza o Adão e a Eva, dois seres, sendo um do sexo masculino e outro do sexo feminino, em Gênesis 6:19: “E de tudo o que vive, de toda carne, dois de cada espécie meterás na arca, para os conservares vivos contigo; macho e fêmea serão.” Assim também foi na arca construída por Noé, Deus criou Adão e Eva, dois seres de sexos diferentes, como os animais, um macho e uma fêmea de cada espécie para que pudessem ter os seus companheiros e assim povoar a terra, ou seja, um macho sempre vai buscar a sua fêmea, já que esse é o ciclo da vida, nascer, crescer, procriar e morrer, assim o homem sempre vai buscar a sua mulher e vice versa.

A procura do casal no conto se dá por meio do desejo, eles tem a imagem um do outro projetada em suas lembranças, além de darem a responsabilidade da felicidade de si para o outro, e quando se encontram já estavam velhos, ambos se apaixonaram pela aparência do

outro, em Gênesis 3:22: “Então, disse o SENHOR Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal; ora, pois para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente”, podemos associar a chegada da velhice do homem e da mulher com o momento em que Adão e Eva foram expulsos do paraíso, e sem o fruto da árvore da vida para comerem passaram a envelhecer, pois o fruto era o que lhes davam a vida eterna, e o casal após passar a juventude se buscando para apenas se encontrarem na velhice se frustraram com a imagem um do outro pois a beleza já tinha ido com o tempo.

Redefinindo os caminhos

Em ambos os contos se é de fácil identificação a mudança de caminho dos personagens logo após se frustrarem com aquilo que tanto desejavam porque o que foi idealizado no início do conto no final é totalmente diferente do que os seres ficcionais estavam esperando, e quando esse ideal é desconstruído no final, gera um certo desapontamento nos personagens, fazendo com que os seres ficcionais de ambos os contos tomem um caminho diferente. O homem e a mulher buscam-se incessantemente, eles projetam a sua felicidade no outro, assim como o rei, que quando deixou a ideia no quarto passou a ficar cada dia mais triste até chegar o dia em que ele retornou para o quarto para buscá-la. Segundo Sigmund Freud:

Toda a permanência de uma situação anelada pelo princípio do prazer fornece apenas uma sensação tépida de bem-estar; somos feitos de tal modo que apenas podemos gozar intensamente o contraste e somente muito pouco o estado (Freud, 2010, p. 63).

A felicidade como prazer é algo momentâneo e superficial que logo se dissipa, dessa forma vindo a fazer com que o sujeito procure outro tipo de prazer para satisfazer a sua necessidade, a busca constante pela felicidade é uma forma de fugir do sofrimento. Os personagens dos contos buscam obter o prazer através do outro, eles dão essa responsabilidade para o próximo, pois o rei só será feliz quando estiver com a ideia e o homem e a mulher quando se encontrarem, e a frustração no final faz com que cada um siga um caminho oposto ao outro. A frustração do casal se dá em decorrência ao traço do rosto que antes desejavam incessantemente e que foi apagado com o tempo, eles se apaixonaram pela aparência e quando se encontraram a beleza que eles podiam ver através de seus pensamentos já não era mais a mesma. A decepção do rei ocorre no momento em que ele encontra a ideia e vê que ela já não tem mais a mesma graça de antes, o tempo que se passou para que pudessem se encontrar é grande demais e ele não é mais aquele jovem rei, ou seja, o rei atingiu a

maturidade, sua visão de mundo mudou, mas a ideia adormecida no quarto do sono continuou a mesma.

Podemos associar essa mudança de caminho dos personagens do conto “Amor a longo alcance” com o arquetípico bíblico no livro de Gênesis 3: 23: “o SENHOR Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra, de que fora tomado.” Deus tirou do seu jardim Adão e Eva após eles terem comido do fruto da qual o Senhor disse para não comer, ou seja, o caminho que tinha criado para eles assim como o do casal do conto foi modificado, o de Adão e Eva por caírem na tentação e irem contra a palavra de Deus, e o do casal pela imagem do rosto um do outro que viam em suas lembranças não ser aquela da qual eles encontraram por causa que muito tempo havia se passado, ou seja, a suas feições atuais, já envelhecidas iam contra aquela imagem que eles tinham em seus pensamentos.

Palavras finais

A leitura crítica de *Uma ideia toda azul* (1979) e *Contos de amor rasgado* (1986) de Marina Colasanti nos permite aprofundar em diversas questões como a busca pela felicidade, o desejo, a satisfação, a frustração e também associar os detalhes dos contos com o arquetípico bíblico, como a cor azul da ideia, o jardim onde o rei dorme e o quarto onde a ideia ficou adormecida. Como propõe Italo Calvino (1993) p. 12 “Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos.” Ambos os textos de Marina Colasanti são contos que quanto mais se é relido mais detalhes são revelados, assim como a significação maior por trás daqueles detalhes que acabam passando despercebidos quando se realiza a primeira leitura.

Os contos observados sob o olhar arquetípico bíblico é capaz de nos apresentar vários detalhes que no conto não aparentam ter muita significação como a cor azul da ideia, sendo a cor que representa o céu e que nos faz pensar em Deus, o jardim onde o rei se sente seguro para dormir, nos faz pensar no jardim do Éden, um local seguro criado por Deus para o homem, assim como o quarto o ambiente de maior intimidade das pessoas, o homem e a mulher do conto que nos faz associar com Adão e Eva no sentido de que Deus criou um macho e uma fêmea para serem companheiros.

Portanto, ambos os contos são importantes para que nós leitores através de nossas leituras possamos aprender algo com o que foi lido, e também com o apoio teórico adequado interpretar o que foi deixado nas entrelinhas pelo autor, pois o texto nunca está completo, sempre é sugestivo, para que nós através de nossas leituras possamos tirar nossas próprias

conclusões pois temos diferentes formas de compreender um texto e também escrever sobre o mesmo.

Referências

AIDAR, Laura. **Cores do Arco-Íris**. Disponível em: www.todamateria.com.br. Acesso em: 09/07/22

ARAÚJO, Andréa. **Cores primárias**. Disponível em: [www HYPERSLINK "http://www.educamaisbrasil.com.br".educamaisbrasil.com.br](http://www.educamaisbrasil.com.br). Acesso em: 09/07/22

BACHELARD, Gaston, A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana. In: **A poética do espaço**. Martins Fontes: São Paulo, 1993.

CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos em: **Por que ler os clássicos**. Companhia das letras: São Paulo, 1993.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos símbolos**. José Olympio: Rio de Janeiro, 2008.

COLASANTI, Marina. Amor de longo alcance. em: **Contos de amor rasgados**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. disponível em: mundoeducacao.uol.com.br. acesso em: 29\06\22.

COLASANTI, Marina. Uma ideia toda azul. In: **Uma ideia toda azul**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979. disponível em: encantamentosdaliteratura.blogspot.com. acesso em: 29\06\22.

FREUD, S. **O mal estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

FRYE, Northrop. Segunda parte - Tipologia. in: **Código dos códigos a Bíblia e a literatura**. Boitempo: São Paulo, 2004.

FRYE, Northrop. Crítica arquetípicas: Teoria dos mitos. In: **Anatomia da crítica**. São Paulo: Cultrix, 1957.